



**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM CIÊNCIAS MATEMÁTICA E LINGUAGENS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC**

**Imaginações, saberes e performance nos Anos Iniciais: processos de
aprendizagem de alunos com deficiências**

Discente: Ana Júlia Franco Gell

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Isabel Cristina F. dos Santos Rodrigues

Belém-Pa

2021

Ana Júlia Franco Gell

Imaginações, saberes e performance nos Anos Iniciais: processos de aprendizagem de alunos com deficiências

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obter o título de Graduado do Curso Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Faculdade de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a Dr^a Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues

Belém-Pa

2021

Ana Júlia Franco Gell

Artigo apresentado à Faculdade de Educação Matemática e Científica para obtenção do título de Licenciado em Ciências, Matemática e Linguagens.

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues.
Universidade Federal do Pará - UFPA**

Professora Orientadora – Presidente da banca examinadora

**Prof.^a Dr.^a Valdete Leal de Oliveira
Membro Interno: IEMCI/UFPA**

**Prof.^a . Ma Helen do Socorro Rodrigues Dias
Membro Externo: UEPA/PPGED**

Data da defesa: 17/06/2021

Conceito: Excelente

Sumário

INTRODUÇÃO	5
1. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO CONTEXTO ESCOLAR	6
2. A NEUROEDUCAÇÃO E SUAS POTENCIALIDADES NA SALA DE AULA	9
3. CONTAR E LER HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS	10
4. LUDICIDADE E HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ANOS INICIAIS	13
5. A LIBRAS E O LUDICO	24
6. PERFORMANCE E LUDICIDADE NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida no plano de trabalho de iniciação científica “Imaginações, saberes e performance nos Anos Iniciais: processos de aprendizagem de alunos com deficiências” (PIBIC/CNPQ/UFPa) realizada no segundo semestre de 2019. Os sujeitos da pesquisa foram dois alunos com deficiência intelectual de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola que atende a duas comunidades quilombolas, no Baixo Acará-Pará e um aluno com surdez do 4º de uma escola Estadual localizada no município de Belém do Pará. A investigação partiu de estudos construídos por: Relvas (2012), Streiechen (2017), Santos (2016), Smolka (1991). A metodologia se baseou na Observação participante Angrosino (2009) tendo como objetivo discutir as formas de aprendizagem relevantes para os alunos. Os dados foram obtidos a partir da aplicação de atividades com jogos, contação de histórias e mediação de leitura (em libras também), escrita e desenvolvimento da oralidade. Observou-se que a partir da contação de histórias e da mediação formamos um ambiente em que os alunos se sentiram mais à vontade e as turmas aderiram bastante às propostas de atividades. Além disso, os jogos foram objetos propositivos à introdução de atividades, atendendo as necessidades de cada aluno. A pesquisa também evidenciou a importância do trabalho docente ainda na graduação, ampliando as discussões articulando a tríade: oralidade, leitura e escrita.

Palavras-chave: Alfabetização; Neuroeducação; Contação de histórias; Libras; Jogos.

INTRODUÇÃO

As demandas que os professores da educação básica passam em relação aos alunos com deficiência ainda são pouco discutidas, porém, necessárias. Isso ocorre por causa da ausência dessas discussões na formação desses professores e poucas formações na continuidade de seus estudos no âmbito das secretarias de educação em algumas situações. Trabalhar com as deficiências necessita de uma atenção e formação especial, pois, a sala de aula é um lugar de diversidades e com isso há inúmeras dificuldades. Cada aluno tem seu tempo e maneira de aprender. Esses desafios podem acarretar e influenciar no processo de ensino aprendizagem deles.

A presente pesquisa teve como foco o trabalho com a deficiência intelectual e surdez no processo de escolarização e alfabetização e letramento (SOARES, 2018) dos anos iniciais. O estudo teve desenvolvimento com dois alunos adultos deficientes intelectuais de uma escola ribeirinha quilombola, localizada no Baixo Acará. A criança com surdez frequentava a escola estadual localizada no município de Belém do Pará. Realizamos uma pesquisa qualitativa envolvendo atividades, uso de jogos, contação de histórias (BUSSATO, 2003) e mediação de leitura (ABRAMOVICH, 1997) e em libras (STREIECHEN, 2017). Tais encaminhamentos tinham por objetivo potencializar o processo de ensino-aprendizagem de alunos com deficiência intelectual e auditiva. Diante disso, a neuroeducação (RELVAS, 2012) foi relevante, pois mostrou outra forma de atuar e elaborar atividades que potencializasse as aprendizagens.

Sendo assim, tivemos por objetivo analisar como as performances de Contação de histórias e mediação de leitura favorecem o desenvolvimento das aprendizagens de alunos com deficiências. Atrelado a isso, também tínhamos que analisar as condições de aprendizagens de alunos com deficiências em fase de alfabetização (Soares, 2018; Ferreiro; Teberosky, 1985), como poderiam avançar dando espaço para esses alunos conhecerem suas potencialidades. Uma das principais fontes para realizar tais atividades com a contação de história foi reconhecer objetos, jogos e narrativas que despertam maiores interações com os alunos. Isso se justifica, pois quando falamos de inclusão, não é apenas colocar o aluno para assistir à aula, o professor como principal mediador do saber precisa desenvolver tais atividades favorecendo a interação e os desafios. Assim, articulando aos estudos da neuroeducação (SANTOS; CAMPOS, 2016) trazemos a tríade: oralidade, leitura e

escrita, tendo em vista que, Sisto (1992) considera que aprender uma história para contar é como construir um filme. Temos que visualizar mentalmente cada coisa que vai sendo contada e sermos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. E, nesse sentido, trabalhar ainda na Formação inicial aspectos que consolidam repertório de histórias diversas que valorizem as práticas socioculturais dos alunos pode favorecer maior qualidade, não apenas ao processo formativo dos licenciandos, mas aos docentes que os acompanham nas escolas durante os projetos¹ e as crianças, em especial, as que possuem algum tipo de deficiência que se sentem mais próximas ao processo de ensino proposto pelo docente regente articulado ao licenciando.

A pesquisa deter-se-á na observação participante (ANGROSINO, 2009). Sendo assim, desenvolvemos atividades de Contação de histórias e Mediação de leitura com ênfase nos jogos de linguagem, jogos integrados adaptados com elementos das narrativas trabalhadas. O trabalho tem nos mostrado que, assim como defende Larrosa (2002), os sujeitos tendem a ser afetados pelas experiências e isso favorece o que a neuroeducação defende em termos da plasticidade cerebral que favorece o processo de ensino-aprendizagem. As muitas vivências proporcionadas pelas interações Pohlmann; Moraes (2019) da Contação de Histórias e da mediação de leitura indicam que os alunos com deficiência já criam expectativas, desejam ouvir/sentir/imaginar a narrativa performática. Assim, o corpo docente também é uma coletânea que, associada aos jogos adaptados, a bons textos-base poderão favorecer as aprendizagens dos alunos com deficiência, como discutiremos nas próximas seções.

1. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

A Língua brasileira de Sinais foi oficializada em abril de 2002 por meio da Lei (Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002). Assim, ganhando grande repercussão na sociedade e inserção em disciplinas ofertadas ainda na graduação, isso vem ganhando forças pois, os surdos não tinham o direito de usar a sua própria língua, e

¹ “Alfabetização, letramento e docência na Amazônia” vinculado ao Instituto de Educação, Matemática e Científica (IEMCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA), buscando analisar as práticas docentes que envolvem a tríade: oralidade, leitura e escrita na educação básica e EJA.

eram discriminados, o que os fazia se isolar e não terem contato com a sua própria língua e eram excluídos da sociedade. Isso dificultava o processo de escolarização.

Nos tempos atuais, mesmo a inclusão ganhando grande repercussão e discussão, dentro de sala de aula da educação básica e universidade ou em diversos locais, não é praticado a inclusão das pessoas surdas, um dos motivos é a falta de programas que tenham por objetivo ensinar a libras, visto que, ela é uma língua e não linguagem, por isso, é necessário implementar mais cursos dentro da graduação ou fora em torno do ensino de Libras (BASSO; CAPELLINI, 2012) incluir um aluno dentro de sala de aula requer práticas necessárias, o professor mediador precisa utilizar de recursos, e o principal é ter domínio da libras. No entanto, ainda há necessidade de se ampliar as discussões sobre o assunto, em cursos particulares, escolas e na graduação, que mesmo sendo ofertados não são semestres suficientes para o graduando sair com uma formação na língua de sinais e poder adentrar em sala e comunicar-se na língua materna do seu aluno (os) surdo (os).

A contação de histórias (BUSSATO, 2003) abre um leque de possibilidades para o imaginário da criança, jovem ou adulto. Por meio do imaginário a pessoa desenvolve sua criatividade, estimula a linguagem, interação que refletem na sua formação na sociedade. Ao utilizarmos a língua de sinais, um dos principais fatores dessa comunicação é a performance Zumthor (2007) pois, as expressões faciais são importantes para demonstrar o que está falando, sentindo no ato da conversa com ou surdo. Logo, a literatura em libras desenvolve a cognição, memória, concentração e estimula a criatividade da criança surda e ouvinte, pois ambos possuem curiosidade. Tal processo precisa ter cautela, para isso, é necessário ter o domínio da libras e seus sinais, conhecer bem a história que vai ser apresentada, pois, o mediador precisa transmitir a história na mesma sintonia para um e outro, nesse momento a performance é de suma importância e se torna imprescindível no momento de contação oral e libras.

Para isso, desenvolvemos planejamentos das ações articuladas trazendo as vozes dos alunos, com outras versões potencializaram o desafio para atividades mais específicas de escrita e de leitura, principalmente a participação dos alunos com o mundo da Libras, que se mostraram bastante interessados. Desse modo, as professoras relataram que muitas vezes o aluno não conseguia compreendê-las, e a

libras surgiu como meio para elas e outros alunos se comunicarem com o aluno dentro de seus limites. A escola trabalha aspectos sobre as libras dentro de suas possibilidades e dessa maneira, o projeto em parceria com a coordenação da escola incentivou os alunos a usarem a língua de sinais.

A família é a base para o início dessa construção da língua materna do surdo, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Para isso, a família necessita procurar locais que atendam esse aluno desde criança, pois é nessa fase que ele tem menos dificuldades de se alfabetizar, em torno de 6-7 anos, a mesma idade que um ouvinte se alfabetiza. Mas, em algumas famílias surge o negacionismo em aceitar que seu filho (a) tenha a deficiência, e ocorre que os alunos não tenham possibilidade de estar inseridos no mundo das libras e isso resulta na educação do aluno surdo. Para Dizeu; Caporali (2005, p.587)

A criança ouvinte desde seu nascimento é exposta à língua oral, dessa forma é fornecida para ela a oportunidade de adquirir uma língua natural, a qual irá permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva e constituir sua linguagem. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade, de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem.

No caso de alunos surdos, quando são inseridos na escola não são alfabetizados em sua primeira língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) para Streiechen (2017, p.19) “Antigamente, os surdos eram discriminados e proibidos de usar a língua de sinais. O acesso a todos os meios de interação social era limitado ou restrito”. Outro fator que prejudica o aluno é a falta de auxílio da escola, pela falta de formação para os professores e principalmente, da família, que em muitos casos não aceitam a deficiência do filho (a) e, colocam a culpa no modo que o professor está trabalhando, Smolka (2001) traz o seguinte questionamento que “começou a surgir o mito da incompetência do professor: era ele, então, o mal-formado, mal-informado, desatualizado e, “por isso”, mal pago.” No entanto, essas faltas de recursos vêm desde a graduação de cada professor, nem todos os cursos possuem a matéria libras e quando o curso oferta, não são semestres suficientes para o professor sair de fato, formado para poder trabalhar com alunos surdos.

Os professores enfrentam inúmeras dificuldades. A desvalorização da profissão e falta de recursos implicam em uma formação mais eficaz, fazendo com que esse professor acabe ficando sem muita opção para formações complementares. Com isso,

em certos casos, o único material disponível para o professor ministrar sua aula é o livro didático, no entanto, mesmo sendo uma ferramenta importante para o aprendizado, não contém atividades voltadas para os alunos com deficiência. Assim, torna-se uma das dificuldades em se ensinar, pois os alunos que possuem deficiência necessitam de materiais especializados, e logo, o professor precisa ter uma formação e conhecimento para introduzir tais atividades voltadas para cada especificidade dos alunos.

Smolka (2001) afirma que o livro não pode ser o único objeto de conhecimento que o aluno tenha e sim, um dos objetos para educar o aluno. Por isso, em especial, no caso dos alunos com deficiência, é importante mobilizar objetos concretos no formato de jogos. O jogo vem ganhando repercussão dentro de sala de aula, pois, permite que o professor tenha um ambiente interativo e se aplicado de maneira certa com um planejamento, os alunos evoluem na sua formação.

2. NEUROEDUCAÇÃO E SUAS POTENCIALIDADES EM SALA DE AULA

A Neuroeducação surgiu através da união de três áreas: psicologia – a primeira, educação e neurociência, um novo modo de ensino interdisciplinar possibilitando uma forma inovadora para os docentes e para as pesquisas. Cada área envolve uma particularidade para junção da neuroeducação, a psicologia (VYGOTSKY, 1989) trazendo suas contribuições nas pesquisas sobre cognição e comportamento, a educação: com o processo de aprendizagem, e por fim, a neurociência: que se concentra no funcionamento do sistema nervoso central. É importante o professor pesquisar sobre tal assunto, pois vai interferir no modo que esse professor avalia o aluno e como intervir nas situações dos alunos.

Para Relvas (2018) a memória tem uma função importante no cérebro, pois, ela está diretamente ligada ao aprendizado e a capacidade de repetir acertos e evitar erros. A partir do estudo do cérebro foi possível identificar em que áreas do cérebro cada ação age no ser humano, como a linguagem, a leitura, a fala e entre outras. O hipocampo, uma das áreas mais importantes, é responsável pela memória e aprendizado. A deficiência intelectual (DI) apresenta limitações em alguns aspectos do corpo humano como: dificuldade na coordenação motora (fina e grossa), memória

de curto prazo, pouca interação, dificuldade na fala, falta de interesse em realizar atividades. Para Dias (2019, p. 54)

Os conceitos de deficiência intelectual adotado no Brasil, são os propostos pela Associação Americana de Deficiência Intelectual (AAIDD) e pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM 5). A AAIDD (2010, p. s/n) pondera a deficiência intelectual como sendo “uma deficiência caracterizada por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual (raciocínio, aprendizagem, resolução de problemas) como no comportamento adaptativo, que abrange uma gama de habilidades sociais e práticas cotidianas.

Ainda não há conclusão de qual fator específico causa essa deficiência, mas, alguns dos diversos fatores para a causa incluem a alteração genética e cromossômica, que são fatores biológicos, e outros como, fatores sociais (relação com a família e social), comportamentais e educacionais. No que se refere à aprendizagem, principalmente, dos alunos com deficiência, trabalhar com brinquedos e jogos é de suma importância, pois o lúdico está presente no cotidiano das crianças o que pode ser aproveitado no contexto escolar. Além disso, estimula a interação social, imaginação e raciocínio da criança.

No brinquedo é como se ela fosse maior do que é a realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1989, p.117)

O campo semântico criado pelas histórias e pela neuroeducação tem se mostrado um elemento, não apenas de construção de sentidos, mas de trabalhos mais ampliados com a língua oral e escrita. A contação e mediação deixaram de ser apenas um entretenimento para acalmar o aluno, e está sendo utilizada para impulsionar os professores a terem ambientes interativos que venham a influenciar nas atividades na educação dos alunos.

3. CONTAR E LER HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS

Sabe-se que o processo de alfabetização é trabalhoso para o professor e para o aluno, primeiramente a carência de curso para os professores se torna um dos grandes problemas, pois, mesmo eles já possuindo um curso de formação em libras não há nada voltado para a alfabetização de alunos com deficiência, e principalmente em libras para os anos iniciais. Para que o professor tenha uma visão ampla de novas práticas e modalidades de ensino. Abramovich (1997) aponta que a literatura tem

condições de favorecer um contexto de interação com situações diversas e humanas que os alunos podem redimensionar para outras diversas, inclusive, no âmbito dos valores, nas concepções apresentadas pelas narrativas e nas quais eles mobilizem atitudes de maneira mais crítica. Entretanto, é necessário vivenciar e não apenas ensinar. Esses encaminhamentos acontecem tanto na Contação de histórias, quanto na Mediação de leitura, pois ambas exigem que o docente seja um bom leitor, um bom pesquisador das narrativas, que possa relacionar saberes e vivências potencializadas nos textos, encantar-se por eles e motivar isso nos educandos.

Considerando-se o trabalho a ser desenvolvido no processo de Alfabetização, independentemente, de crianças, jovens ou adultos, contar histórias é valorizar a Tradição oral, a cultura, ampliar o vocabulário, aumentar o repertório de histórias e desafiar os alunos aos encontros com outras narrativas, em especial, as que envolvem os textos literários. O trabalho com os textos diversos precisa levar em consideração os objetivos da leitura, público, sujeitos, contexto, o aspecto lúdico necessário ou não, a performance ou distanciamento dela, materiais disponíveis, tempo e tudo pautado em planejamento articulado com os docentes. Por isso, contar história não pode ser uma atividade eventual ou ser confundida com objeto de entretenimento. O ato da leitura tem que partir da criança, o professor precisa instigar o aluno a querer ler de maneira espontânea, para que acenda o sentimento de querer saber mais, logo, a leitura possibilita à criança conhecer e imaginar infinidade de lugares. Quando a criança tem o contato com o alfabeto ela torna aquilo seu, ou seja, ela se apropria dele e de uma forma acaba mudando-o, porém, ela não consegue aprender sozinha precisa ter um mediador.

A contação de história tornou-se uma intervenção para o processo de aprendizagem do aluno, a partir disso, a criança cria mais autonomia em seus atos, podendo recontar de sua maneira. No entanto, Segundo Bernardino e Souza (2011, p.236), [...] a literatura não está recebendo um estímulo adequado e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para as provas [...]. O professor utiliza um texto apenas para a reprodução ou “acalmar” as crianças, fazendo com que se torne chato o ato de ler, e a contação vem com o propósito de chamar a atenção da pessoa para uma história

sendo contada de diferentes modos, cada contador tem seu estilo. Assim, não basta o acervo ser interessante, mas há necessidade de se planejar um trabalho voltado para a utilização da Tradição oral de dos textos literários. Para Rodrigues (2005), a contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

O trabalho com os textos diversos precisa levar em consideração os objetivos da leitura, público, sujeitos, contexto, o aspecto lúdico necessário ou não, a performance ou distanciamento dela, materiais disponíveis, tempo e tudo pautado em planejamento articulado com os docentes. Por isso, contar história não pode ser uma atividade eventual ou ser confundida com objeto de entretenimento. Segundo Zumthor (2007, p. 31) a performance é reconhecimento. A performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade”. Ela pode estar associada à narrativa ou não, pois é a história que tem primazia na interação. No caso da Libras, a performance é de suma importância, pois, por meio da expressão facial o surdo ou intérprete transmite o estado emocional daquela conversa ou história. A contação de histórias norteada pela utilização de textos diversos provocam interações e contribuem para o desenvolvimento da criança, jovem ou adulto. Assim, GÓES (2010, p.45) “o contato com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível, não só pelo manuseio (livro ao alcance das crianças) como pela história contada, pela conversa (diálogo mãe-filho) ou jogos rítmico”.

Nesse sentido, trabalhar inicialmente, a neuroeducação, contação de histórias, mediação de leitura e a inserção de jogos nos favoreceu maior interação com os alunos e desenvolver atividades envolvendo diferentes gêneros e desafiando-os de diferentes maneiras. De acordo com as ideias de Freitas (2016, p. 61) “Ressaltar o ato de contar histórias significa oferecer mais uma possibilidade de recursos para a realização da inclusão, porque contar história representa entrar em relação, interagir, estabelecer contato, olhar o outro em várias circunstâncias. ” Por conta disso, na Formação docente (inicial e continuada) é o contexto para discussão e práticas de

atividades que favoreçam um trabalho com a performance, pois em alguns momentos, o professor (e o professor em formação) tem que se dar conta da potencialidade da performance. Associar o que falar ao como (gestos, entonação, pausas, etc.), onde é o tempo. E neste direcionamento, a seleção das narrativas prioriza os objetivos da leitura.

No caso de o professor considerar que a mobilização da performance favorece a construção de sentido, ela precisa estar na conexão com a narrativa para que o público não perca o fio condutor da história e do jogo de linguagem. Os usos dos objetos são fundamentais para essa condução da história, além de aproximar a criança do imaginário, faz com que o contador/narrador tenha esse método para guiar a história, porém, necessita de bastante ensaios para não perder o foco na hora do ato. A contação de histórias norteadas pela utilização de textos diversos provocam interações e contribuem para o desenvolvimento da criança, jovem ou adulto, pois para Dias; Rodrigues (2019, p. 110)

... a contação de histórias fomenta o diálogo dos saberes do sujeito, por meio dos enunciados concretos, que podem mobilizar no estudante indagações, questionamento, o desejo de saber e querer compreender, e que no âmbito da educação em ciências fomenta uma formação integral do aluno, corroborando assim, com os princípios de uma alfabetização científica. (Dias; Rodrigues, 2019, p. 110)

No que tange à interdisciplinaridade, Fazenda (199, p. 23) reflete que “viver a prática da interdisciplinaridade e observá-la-eis o que considero hoje um fator indispensável a qualquer pesquisador que pretenda refletir sobre ela” é de suma importância o trabalho interdisciplinar, pois, o conhecimento não está organizado, mas sim, está conectado e relacionado ao cotidiano da criança e suas vivências. Tratar o conhecimento de forma integrada é dar oportunidade a relações que permitem elaboração de conhecimentos de maneira significativa. Desse modo, para o professor ter êxito em seu trabalho, é necessário ter planejamento e ser articulado com as vivências dos alunos, envolvendo diversas áreas do conhecimento que levem à solução de tal problema.

4. LUDICIDADE E HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM DOS ANOS INICIAIS

A pesquisa deteve-se na observação participante (ANGROSINO, 2009) das práticas docentes e na proposição de atividades inclusivas e integradoras pautadas

nas práticas socioculturais da comunidade onde se insere a escola articuladas aos textos de Tradição oral, Literatura Clássica e jogos adaptados em prol das aprendizagens dos alunos. Sendo assim, desenvolvemos atividades de Contação de histórias e Mediação de leitura com ênfase nos jogos de linguagem, jogos integrados adaptados com elementos das narrativas trabalhadas em forma de minicursos para os docentes que poderiam articular as atividades de maneira inclusiva e com oficinas de performance e uso de objeto.

As narrativas dos participantes seriam alguns dos objetos de análises da investigação, posto que sinalizam quais saberes e fazeres deveremos mobilizar ao longo da pesquisa em prol das aprendizagens dos alunos com deficiência. Outros objetos de investigação seriam os jogos adaptados e as histórias potencializadoras de interação licenciandos - alunos os Anos iniciais-docentes. Dessa maneira, tornou-se pertinente o acompanhamento e proposições ao trabalho já desenvolvido por licenciandos a turmas dos Anos iniciais, inclusive, verificando como o referido grupo potencializa a interação e a aprendizagem dos alunos com deficiência durante as atividades de contação de histórias e Mediação de leitura planejadas semanalmente. Como encaminhamentos metodológicos, os coordenadores planejaram com os bolsistas quinzenalmente planos de aula com o que iremos trabalhar nas escolas.

Iniciamos as adaptações e ensaios de histórias oralmente para os ouvintes e em libras. Assim, foram confeccionados objetos para utilizar na contação de histórias e jogos adaptados em prol da aprendizagem dos alunos, alguns ajustes são feitos de acordo com as orientações. Após isso, iniciamos as atividades nas escolas, nesse caso, a pesquisa foi realizada em duas escolas, uma localizada no Baixo Acará e outra no município de Belém do Pará. A pesquisa foi realizada com três sujeitos, dois com deficiência intelectual na comunidade ribeirinha localizada no Baixo- Acará e, um sujeito com surdez no município de Belém.

Junior: tinha 22 anos, sexo masculino, laudo médico indicava deficiência intelectual, estava no nível pré silábico²(Ferreiro; Teberosky, 1985), o aluno já era repetente do 4º ano há alguns anos na escola, e desde 2019 ele começou a ter o atendimento

² Quando o aluno associa a escrita com o que é falado, e reproduz através de rabiscos e desenhos, pois não conseguem relacionar com as letras.

especializado na sala de recurso multifuncional³ com a professora que ministrava às atividades durante às terças e quintas. Apresentava dificuldade na fala, motricidade fina e grossa, e tínhamos por objetivo evoluir com ele para o nível silábico (Ferreiro; Teberosky, 1985)⁴

Sandy: Tinha 24 anos, sexo feminino, estava no nível silábico, no entanto, ainda tinha umas dificuldades que constavam do nível pré-silábico, tinha laudo e constava deficiência intelectual. Apresentava algumas dificuldades na fala, mas se comunicava bem, porém, pouco e não apresentava sinais na motricidade fina e grossa. Ela também era repetente do 4º ano e começou a ter atendimento especializado na sala de recurso multifuncional junto com o sujeito 1 com os mesmos dias da semana. Tínhamos por objetivo que ela fosse para o nível silábico-alfabético a partir da diagnose realizada.

Miguel: O aluno frequentava a escola da região metropolitana de Belém, tinha 10 anos, já nasceu surdo com perda total e desde criança fazia uso da leitura labial e o acompanhou para sua formação escolar, e tinha sido colocado de 2018 para 2019 na escola especializada em educação de surdos em Belém do Pará pois não fazia uso da libras antes de entrar na escola especializada. Ele estava no nível silábico-alfabético (Ferreiro; Teberosky, 1985), mas possuía algumas dificuldades na compreensão de alguns comandos das atividades, pois não conseguia se comunicar e nem entender a explicação das professoras com ele. A escola não tinha intérprete para o aluno, mas a coordenação sempre realizava ações para os alunos estarem envolvidos no mundo da libras, e na escola havia cartazes com imagens de sinais em libras indicando o local. O aluno era acostumado apenas com a leitura labial e no início se manteve resistente em se comunicar conosco pela libras, pois, desde criança tinha sido essa maneira de comunicação apresentada para ele.

Para isso, a utilização dos jogos (pedagógicos ou adaptados) para essa pesquisa foram confeccionados, que são utilizados pelo professor dentro de sala de aula para auxiliar no processo de aprendizagem das crianças, e para que se tenha êxito em seu trabalho é necessário o professor ter um planejamento adequado para

³ A sala de recursos multifuncionais possui equipamentos e materiais didáticos e pedagógicos para o atendimento educacional especializado. Tendo por objetivo a interação, participação e aprendizagem de alunos com deficiência, transtornos e etc.

⁴ O aluno já compreendeu o que é falado, porém, ao escrever cada sílaba possuem uma letra.

seus alunos evoluírem. O lúdico aproxima, mais e mais do mundo real. A contação de história em libras nos permitiu ter um ambiente interativo, pois os alunos ouvintes contribuíram e interagiram nas aulas. Levar histórias em outra língua possibilitou ampliar a formação docente, principalmente por ampliar seu repertório em libras e já ter contato desde a graduação com tal deficiência.

Por isso, os encontros na escola localizada na ilha de Maracujá- Baixo Acará eram quinzenalmente durante as quintas-feiras e na escola em Belém-Pa semanalmente durante as quartas-feiras. Na primeira semana realizamos a observação do participante, tentando aproximação com o sujeito e pequenos diálogos com ele e professores. Na semana seguinte, já realizamos a diagnose dos alunos, para identificar suas dificuldades e em que nível de escrita estão, isso é fundamental pois, a partir de resultados das atividades realizadas teremos visão de partir as atividades para uma melhor intervenção.

Desse modo, é importante considerar que, conforme aponta Bettelheim (2000, p. 12) “A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida”. Portanto, no trabalho docente há necessidade de se planejar atividades que possam articular oralidade, leitura e escrita pautadas na relação com a cultura, com as experiências e desafios para novas viagens e descobertas na e pela linguagem. A diagnose realizada na ilha do maracujá foi apenas com um dos sujeitos, pois o outro estava com problemas de saúde e não compareceu à aula. Nesse primeiro momento o envolvimento das atividades realizamos com toda a turma, no entanto, a observação maior é com o aluno em pesquisa.

O plano de aula foi montado a partir do livro “As incríveis histórias do caboclo paraense”, de Walcyr Monteiro⁵(1940-2019), o livro possui diversas histórias de bichos, caças, pescadores, cidades todas do estado do Pará. A história escolhida para realizar a mediação de leitura foi a do “Mosquito”, o primeiro momento foi apresentar o livro e questionando-os com algumas perguntas “Vocês conhecem este livro? E acham que se trata sobre o que”. Após realizadas essas perguntas, os alunos falaram

⁵ Foi um jornalista, professor e escritor brasileiro, que escreveu diversas histórias e livros paraenses, e um dos seus livros mais conhecidos foi o “Visagens e assombrações de Belém”. Ele colaborou muito para educação e jornais

o que tinha na capa e todos responderam que não conheciam, assim demos início a mediação de leitura. Ao término da mediação, todos foram divididos em grupos (cada um com 5 ou 6 participantes) e iniciamos a atividade adaptada “telhadinho do nome” (Figura 1) foram feitas placas com nomes retirados da história trabalhada e o recurso pedagógico “Alfabeto móvel”.

Figura 1- diagnose 1



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

A dinâmica consistiu em reproduzir os nomes que estavam nas placas com o alfabeto móvel, no início a aluna não utilizou o alfabeto, nesse momento a professora estava acompanhando a atividade na sala de aula e instigou a aluna a usar, no entanto, não obteve êxito. Desse modo, começamos a auxiliar a aluna na manipulação do alfabeto, a aluna trocava algumas letras e nesse momento questionamos se estava correto com o que estava na placa, a aluna fazia a devida troca, algumas vezes o fenômeno de espalhamento ⁶(SMOLKA, 2001), mas por ser uma diagnose não realizamos intervenções frequentes. Após o término das placas, os demais alunos montaram mais palavras e com o sujeito 2 em pesquisa foi realizado um pequeno ditado para ela fazer mais uso do alfabeto. A partir da atividade realizada e observação

⁶ Quando o aluno inverte uma letra na palavra ou frase.

em sala de aula foi visto que a aluna estava no nível de escrita silábico, no entanto apresentava algumas dificuldades.

No segundo encontro, foi realizado a Contação de histórias com toda a escola, neste dia os professores reuniam todas as turmas da educação infantil até o 5º ano para uma roda de leitura antes de iniciar as aulas no pátio da escola, realizamos a contação de histórias do “Menino que acordou o rio” para todos os alunos. Assim, um dos sujeitos em pesquisa foi direcionado para a sala multifuncional. Ao observar o aluno a professora me relatou que ele ainda não tinha avançado na escrita, e ainda estava na fase icônica (Ferreiro; Teberosky, 1985), e que realizava atividades para “amolecer o dedo”. Visto que, o aluno tinha dificuldade para segurar o lápis, com essas demandas ele realiza exercícios com massinha de modelar, pregadores e faz uso de tintas, neste dia apenas um sujeito compareceu na aula.

Figura 2- Contação de histórias e diagnose na escola ribeirinha quilombola.

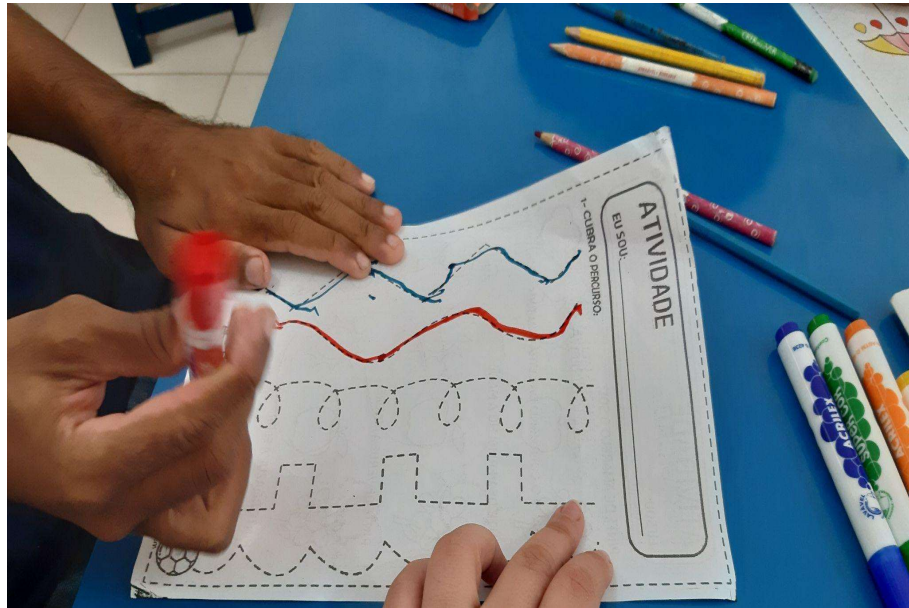




Fonte: Acervo da pesquisa 2019

Com a diagnose de ambos realizada, podemos iniciar o trabalho visando as dificuldades que ambos tinham e auxiliá-los no processo de alfabetização. Os dois alunos por estarem em níveis de escritas diferentes, foram realizadas atividades diferentes para potencializar e avançar com eles. Com os sujeitos eram utilizados jogos de memorização a curto prazo, motricidade fina, atividades de escrita e leitura. O lúdico em sala de aula foi fundamental para atrair e prender a atenção dos alunos, no entanto, esse jogo necessita ter sentido para aprendizagem desse aluno e para o professor. Entretanto, ainda deveríamos desafiar para além do trabalho com a motricidade fina e valorizar mais a narrativa trabalhada.

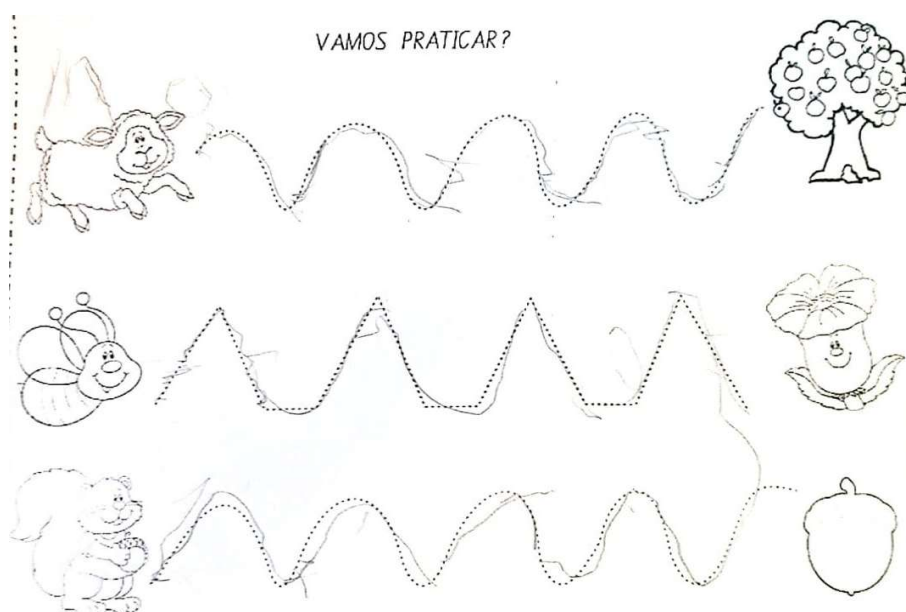
Figura 3- Atividade motricidade fina.



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

Realizamos a contação de histórias “A onça e o gato”, a história foi adaptada, pois, a graduanda ainda iria realizar a contação em libras, neste momento da contação foram utilizados objetos que eram placas para sinalizar os personagens e, com a ambientação da história. Os dois sujeitos, neste dia, realizaram duas atividades. A primeira atividade consistia em números de 0 a 100, e tinham cliques das cores vermelho, roxo, verde, branco e amarelo, os alunos tinham 3 opções de dados das cores vermelho, amarelo e azul, ao jogarem o dado teriam que colocar o clipe no número que correspondesse no dado. Ao término da atividade foi realizada uma de motricidade grossa, onde teria que levar o animal ao outro lado contornando a linha. O sujeito 1 não conseguiu realizar a atividade completa, ainda tinha muita dificuldade quando era trabalhado a grossa (Figura 3).

Figura 4- atividade motricidade fina.



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

Figura 5- Contação de histórias “a onça e o gato”



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

Para realizarmos essa história, preparamos alguns objetos para utilizarmos e ambientarem a imaginação das crianças, colocamos os alunos em meia lua e no momento da história alguns sorriam, ficavam dando palpites sobre do que iria acontecer com a onça, apostava se quem ia se safar da história seria a onça ou o gato, e conversavam entre si, mas observando bem o que acontecia na história. A partir da realização da contação o jogo de dados era realizado como uma introdução para as atividades ao longo do dia, era levado uma cartela de números de 1-100 e 3 dados das cores, amarelo, azul e vermelho, e para marcar na cartela a professora levava cliques de papel, fazendo com que eles exercitem a coordenação motora. Nesses primeiros momentos iniciamos com os números de 1-10, solicitamos para pegar o dado de tal cor e depois eles jogavam, o dado caía com um número, e contávamos passando o dedo em volta das bolinhas, e depois eles tinham que pegar o clipe e colocar no número da cartela. Essas atividades iniciais eram de suma importância para o início dos trabalhos, pois, fazíamos um trabalho de base para implementar futuras atividades durante o dia que iriam exigir a compreensão dos alunos. O jogo na educação inclusiva (CARMO, 2015) atrelado a contação de histórias nos possibilitou interagir com os dois alunos, pois, por meio dele o aluno pode estar desenvolvendo seus gestos, movimentos, estimular sua criatividade, autonomia, concentração que são fundamentais nesse processo de ensino aprendizagem.

Figura 6- Jogo dos dados.



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

Pelo fato de os sujeitos estarem em níveis de linguagem diferentes, começamos a realizar outras atividades com eles, ou seja, cada um fazia uma atividade para ir evoluindo. O sujeito 2 por estar mais avançado, começamos a trabalhar com ele o alfabeto móvel com a utilização de imagem, o aluno com deficiência intelectual necessita ter a imagem para poder identificar, pois não podemos dizer apenas palavras soltas, é necessário mostrar o objeto para eles formularem e associar a palavra a imagem.

Figura 7- atividade com alfabeto móvel.



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

5. A LIBRAS E O LÚDICO

Ao se trabalhar com o aluno surdo foi necessário fazermos um curso de libras, mesmo a graduação ofertando, porém não era suficiente para abranger o conhecimento que ela necessitava. Após o término do curso, iniciou os ensaios e pesquisas de histórias já em libras ou adaptadas a partir de seu acervo pessoal. A parceria com a coordenação da escola foi de extrema importância, pois, já trabalhavam aspectos das libras e da surdez, nas suas possibilidades. Juntamente com essa parceria, possibilitou a graduanda realizar várias atividades, que envolvesse toda a turma e às professoras, que relataram a importância de tal projeto, e a partir das idas na escola elas também puderam acompanhar e aprender, isso resultou na comunicação com o aluno. Os colegas também se mostraram interessados, pois eles perguntavam como era chamar o aluno para brincar, lanche, jogar em libras.

Na primeira semana, fomos conhecer um pouco da rotina do aluno, ao tentar conversar com o aluno ele ficou tímido e esboçou apenas sorrisos. Ao conversar com a professora que tinha contato com a família dele informou que ele tinha sido alfabetizado na língua oral e estava inserindo naquele ano em um instituto para alfabetização de alunos surdos, por isso fazia apenas leituras labiais e se comunicava

através de pequenos gestos e sinais, que ele mesmo fazia, e ao conversar com o aluno ele se sentia resistente em usar a libras.

A metodologia consistiu na observação do participante, apresentação dos sinais em libras, contação de histórias em libras e jogos. A primeira aula foi realizada a apresentação de sinais básicos de comunicação na libras, sinais de saudações, dias da semana e meses do ano e a apresentação da datilologia, que é o alfabeto em libras, todas as atividades referente a pesquisa foi realizada com toda a turma, visto que, o aluno quando via seus colegas realizarem sinais ele demonstrava interesse em participar das aulas.

Figura 8- apresentação em libras



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

Na figura 8, temos o primeiro encontro iniciado as atividades com os alunos. Apresentamos um slide com alguns sinais básicos como cumprimentos, dias da semana, meses do ano e a datilologia, que iríamos utilizar ao longo do processo das aulas, a professora havia informado que eles já tinham um breve conhecimento sobre libras, mas era pouco. Após o término da apresentação, cada aluno deveria reproduzir seu nome em libras com o colega ao lado e faríamos o acompanhamento em casos de dúvidas ou erros. Também, apresentamos alguns dos sinais que foram mostrados anteriormente para eles escreverem em português e reproduzindo o sinal após o término da atividade

Para o dia do surdo que ocorreu no dia 26 de setembro, a coordenação propôs realizar algumas atividades com alunos em homenagem ao dia do surdo. Para isso, levamos o jogo da memória adaptado para a libras. Fizemos uma pequena roda de conversa para contar sobre o dia do surdo e sua importância, além de falar alguns termos que não devemos usar na comunidade surda, falando em libras e oralmente. Os alunos foram bem participativos, pois, desde o começo demonstravam interesse em saber mais sobre a língua, muitos questionamentos surgiram a partir de cada aluno ter seu sinal⁷. Após o fim da roda de conversa realizamos uma atividade (Figura 9) com todos da turma, eles teriam que identificar os sinais e escrever em português, também foram apresentados os números de 1- 10 em libras, também foram levados alguns cards com imagem em libras e seu sinal para eles treinarem entre si, terminando às atividades socializamos e treinamos.

Figura 9- atividade em libras



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

Foi realizada a contação de histórias em libras da “Onça e o gato⁸”, que realizamos a adaptação para trabalhar com os alunos. Antes da história,

⁷ A pessoa ter o próprio sinal em libras é como se fosse seu nome de batismo, ao invés de escrever todo o nome em datilologia, a pessoa apresenta o seu sinal para sua identificação, pois ele mostra alguma característica da pessoa. O sinal deve apenas ser criado ou dado por um surdo, é antiético ser dado por ouvinte.

⁸ A história adaptada se tratava de dois amigos- onça e gato- que viviam na floresta, um dia acabou a comida e a onça tentou comer o gato, porém não teve sucesso. Onça caçou o gato em busca de trégua

apresentamos alguns sinais que utilizamos. No momento da contação, foi observado que os alunos tentavam acompanhar reproduzindo os sinais. Ao término da história fizemos contação oral para os alunos ouvintes. Com isso, iniciamos o caça-palavras em libras (Figura 11), como os alunos já conheciam a datilologia, o caça palavras se constituía em nomes de animais, apenas datilológico e eles tinham o apoio das palavras em português no papel para poderem encontrar o nome que estava em libras.

Figura 10 contação em libras "A onça e o gato"



Fonte: O lúdico e a libras: as potencialidades da mediação no ambiente escolar. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/epalic2020/>

e o pediu para lhe ensinar como ele conseguiu fugir dela, então os dois treinaram e na hora de ir embora a onça tentou comer novamente o gato, e mais uma vez sem sucesso.

Figura 11- A atividade caça palavras em libras.




Fonte: O lúdico e a libras: as potencialidades da mediação no ambiente escolar. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/epalic2020/>

A partir das atividades aplicadas, resolvemos trabalhar com um texto do gênero poema (Figura 12) "cemitério"⁹, na folha havia algumas perguntas para eles responderem de acordo com o que estava no texto, e ao lado também havia um vocabulário com algumas palavras do poema para saberem seu significado, o aluno teve dificuldade para realizar a primeira questão, onde deveria reescrever o poema substituindo as palavras que haviam sido listadas no vocabulário, primeiro fizemos a explicação em libras para ele, e depois oral para a turma. Quando o acompanhamos, notamos que ele apenas tinha copiado o vocabulário e não o poema todo realizando a troca, e fui novamente tentar explicar para ele, a professora também, no entanto, ele não quis dar continuidade nas demais questões.

⁹ Poema de José Paulo Paes, que traz a história de alguns bichos e de maneira cômica, a sua morte.

Figura 12- atividade do texto



TEXTO

@Atividades Suzano

Histórias de bicho

Cemitério → Título

Aqui jaz um leão
chamado Augusto.
Deu um urro tão forte,
mas um urro tão forte,
que morreu de susto.

Aqui jaz uma pulga
chamada Cida.
Desgostosa da vida,
tomou inseticida:
era uma pulga suicida.

Aqui jaz um morcego
que morreu de amor
por outro morcego.
Desse amor arrenego:
amor cego, o de morcego

Neste túmulo vazio
jaz um bicho sem nome.
Bicho mais impróprio!
Tinha tanta fome
que comeu-se a si próprio.

Vocabulário

Arrenego: renuncio, abandono.
Desgostosa: triste, aborrecida.
Impróprio: que não é próprio, inadequado.
Jaz: está deitado, repousando.
Urro: rugido, berrô.

Rescreva o poema "Cemitério" substituindo as palavras listadas no vocabulário pelo seu sinônimo.

Arrenego: renuncio, abandono
Desgostosa: triste, aborrecida
Impróprio: que não é próprio, inadequado
Jaz: está deitado, repousando
Urro: rugido, berrô

Aqui jaz um morcego que morreu de amor por outro morcego. Desse amor arrenego: amor cego, o de morcego

Neste túmulo vazio jaz um bicho sem nome. Bicho mais impróprio! Tinha tanta fome que comeu-se a si próprio.

José Paulo Paes *Poemas para brincar*
São Paulo: Atica, 1990.

Fonte: Acervo da pesquisa 2019

6. PERFORMANCE E LUDICIDADE NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A partir das demandas que os alunos enfrentam, a neuroeducação foi fundamental para compreender o processo de alunos com deficiência intelectual, então é fundamental na hora do planejamento da aula, o docente pensar em atividades que tenham sentido para criança. No caso, dos sujeitos é aconselhável usar textos e atividades que possam evoluir com eles e potencializar os saberes que já possuem, no entanto e no caso dos sujeitos com deficiência intelectual, por estarem em um nível silábico diferente não conseguiram acompanhar o restante da turma nas atividades realizadas em sala de aula e por esse motivo acabam dispersando-se da aula, o mesmo para o aluno com surdez, mesmo o aluno fazendo leitura labial não conseguia acompanhar a explicação da professora, assim Relvas (2012, p.79)

O conhecimento não possui nenhum sentido na vida do educando, contudo, se o educador criar novas metodologias visando à integração do educando com o conhecimento, poderá ocorrer uma melhora significativa na qualidade de suas aulas, bem como no resultado final do processo de ensino e aprendizagem [...]

Com o decorrer do trabalho na ilha de Maracujá, local onde eram realizadas as atividades com os alunos ribeirinhos/quilombolas, foi notado a evolução gradativamente dos alunos em pesquisa com deficiência intelectual. No início da pesquisa, a professora que os acompanhava semanalmente e realiza atividades na sala de recursos, relatou a falta de segurança que ambos os alunos tinham, inclusive para escrever o nome, em alguns momentos das aulas os dois sujeitos acertavam às perguntas e os jogos, não tinham a certeza se era certa, e juntamente com a professora motivamos eles a serem mais seguros, ou ajudando, mostrando exemplos de atividades, auxiliando no decorrer de jogos.

Na primeira diagnose (figura 1), deixamos o sujeito 2 realizar a atividade com seu grupo, no entanto, notei que ela apenas olhava e nos aproximamos para auxiliar, pegando uma plaquinha e mostrando como ela deveria realizar a atividade, na figura 13 já tivemos como perceber que ela colocava a letra de maneira espelhada (SMOLKA, 2001), e trocava algumas letras de lugar, auxiliei ela a identificar e mostrar onde estava a troca de letras de acordo com a placa. Isso demonstrou que a aluna sabia identificar as letras, no entanto, não tinha confiança suficiente, nesse momento a professora da sala de recursos que estava acompanhando às atividades na sala de aula a instigou a tentar e observar o que estava diferente, isso foi importante para o momento pois, por ser o primeiro encontro a aluna ainda estava tímida, e com a ajuda da professora podemos seguir com a atividade.

Figura 13- atividade “telhadinho do nome”



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

Em determinados momentos, o sujeito 1 interagiu no meio da mediação de leitura como mostra na figura 14, realizamos a mediação e fizemos uma roda de conversa, onde perguntamos quais as cores que eles mais gostaram, a história era “Flicts” de Ziraldo. O aluno respondeu que tinha sido a cor “azul”, e muitos da turma incentivaram ele a falar mais cores e conversavam também. Aqui percebemos o quanto a mediação pode criar um ambiente interativo entre os alunos.

Figura 14- mediação de leitura



Fonte: Acervo da pesquisa 2019

No início, a comunicação conosco era muito difícil, pois, os dois eram tímidos e não estavam acostumados com pessoas diferentes na sala de recursos múltiplos, logo, a professora trouxe outros alunos que tinham algum tipo de transtorno ou deficiência para dentro da sala, fazendo assim, uma interação com outras crianças. Os trabalhos eram feitos toda a semana, a professora sempre dava continuação em algo que faltava, e tínhamos a troca de ideias, e planejamos sempre jogos e atividades juntas, visando a melhora na aprendizagem, coordenação motora e oralidade desses alunos.

Em função de eles estarem em níveis de linguagem diferentes, alguns jogos eram feitos separados para que eles avançassem. Ao longo das atividades para coordenação motora, o aluno passou a levar alguns pregadores para exercitar as mãos, e, a professora da sala de recurso introduziu um furador, atividades com argila, no qual ele deveria ir exercitando com um papel, nos primeiros dias ele se mostrou relutante em aceitar, mas com o tempo já fazia o sinal com a mão de que queria realizar tal atividade. Com o decorrer dos trabalhos, os alunos passaram a ter mais autonomia, inclusive em momentos de se auto corrigirem sem serem questionados entre si, isso mostrou o quanto os dois alunos estavam concentrados na atividade e

como estava sendo de suma importância a interação desde a sala de aula com outros alunos, até a interação dentro da sala de recursos.

O sujeito 3, foi notado que tinha mais habilidade em realizar as atividades que envolviam as libras, pois como ele ainda tinha uma dificuldade em algumas interpretações de texto, como vimos na figura 12, pois como não sabia o uso total da libras e mesmo com a leitura labial, que não é o correto, ele não compreendeu como deveria ser a atividade, e podemos ver que nas figuras 11 ele dominava mais as atividades que envolviam os sinais e datilologia, e muitas das vezes era o primeiro a acabar, e logo, ia ajudando os outros colegas e tomando a frente de outras atividades.

Figura 15- Jogo da forca em libras



Fonte: O lúdico e a libras: as potencialidades da mediação no ambiente escolar. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/epalic2020/>

Percebemos que mesmo o aluno sendo tímido em usar a língua de sinais, ele se tornava muito mais participativo e interessado quando via os outros alunos interagindo na mesma atividade que ele como mostra na figura 15, e principalmente quando trabalhamos com sinais e datilologia, e algumas vezes o aluno me mostrava se alguém estava realizando o sinal correto e tinha a própria autonomia de ensinar seus colegas de classe.

A contação de histórias e mediação de leitura oral e em libras, possibilitou os alunos a estarem mais presente dentro de sala de aula, ao contar histórias em libras

os alunos acompanhavam cada sinal ao decorrer da história, e faziam junto ao longo da história, e logo em seguida perguntavam o que era cada sinal e se tinha a dificuldade, auxiliamos e mesmo a contação sendo realizada de maneira oral logo em seguida, eles continuavam fazendo os movimentos. Isso proporcionou uma interação maior, pois, quando entrávamos dentro de sala de aula eles já estavam fazendo os cumprimentos, o nome deles em libras.

O aluno surdo também se aproximou fazendo questionamentos, auxiliando a graduanda em mostrar se alguém estava fazendo certo ou errado, isso foi de extrema importância porque no início das atividades o aluno era relutante em utilizar a libras, pois, ele já estava acostumado apenas com a leitura labial e mesmo assim, ainda tinha dificuldades. Ao ver os colegas realizando os sinais, logo ele se mostrou interessado e começou a ser mais participativo nas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que trabalhar inicialmente a tríade oralidade, leitura e escrita nos favoreceu maior interação com os alunos e desenvolver atividades envolvendo diferentes gêneros e desafiando-os com os jogos. O planejamento das ações articuladas trazendo as vozes dos alunos, com outras versões potencializaram o desafio para atividades mais específicas de escrita e de leitura (SOARES, 2018). O campo semântico criado pelas histórias tem se mostrado um elemento, não apenas de construção de sentidos, mas de trabalho mais ampliados com a língua

É importante destacar que a pesquisa é relevante para que a universidade amplie sua atuação articulando graduandos e docentes da Educação Básica. Isso se justifica levando em conta que o aprendizado do bolsista agrega ao seu processo de formativo, em especial, no que se refere à Iniciação científica. Na área da educação inclusiva, o trabalho com alunos surdos amplia os desafios da atuação docente. Os encontros para a elaboração do plano de aula foram de extrema relevância para o nosso processo formativo, as orientações eram necessárias para o exercício desse processo. Além disso, é possível vivenciar situações reais ainda na graduação, lidando com as dificuldades que muitas vezes os livros e artigos não nos trazem em meio às discussões.

Por conta disso, a área da educação especial precisa ter mais atenção via projetos de ensino, pesquisa ou extensão. Além disso, as escolas devem ter projetos para atender tais alunos com qualquer tipo de deficiência. A professora regente relatou o desejo de fazer curso em libras, justamente por ter o aluno surdo em sua sala e as dificuldades que tinha de se comunicar com ele, ao tirar dúvidas. Isso evidencia o quanto escola e universidade podem contribuir com a formação inicial e com a aprendizagem das crianças, professores e graduandos. Assim, o objetivo proposto pelo projeto foi concluído, pois, a partir das ações dentro e fora da universidade nos possibilitou potencializar as atividades para os alunos com a mediação de leitura, contação de histórias oral e em libras e também junto com os jogos. A neuroeducação tende a auxiliar nesse processo dos alunos com deficiência intelectual, nos auxiliando nesse processo de conhecimento e mostrando atividades que venham a potencializar esses alunos. Também, a universidade pública trazendo vozes e saberes para esses alunos de comunidades ribeirinhas e quilombolas, que possuem grandes contribuições em diversas áreas de conhecimento da educação básica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo:Scipione, 1997.

A Contação de histórias: contribuição à neuroeducação/ Fábio Cardoso dos Santos, Ana Maria Antunes de Campos(organação) Guilherme Cosme B. dos Santos... [*ed al.*]. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

ANDRESA VANIELE, **Oficina de Libras, Blogspot.com**, disponível em: <<http://oficinadelibras.blogspot.com/>> ,

BASSO, Sabrina Pereira Soares; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **Material Didático para Alunos Surdos: a literatura infantil em LIBRAS**. Revista Eletrônica de Educação, v. 6, n. 2, p. 491-512, 2012.

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Educare et educarerevista de educação. São Paulo, v 06, nº12, p. 235-249, jul./dez. 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BUSATTO, C. (2003). **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Vozes.

CARMO, Elidiane Torres do et al. **Importância dos jogos como metodologia da educação inclusiva na Escola Municipal Morro Encantado em Cavalcante Goiás.** 2015.

Dias, Helen do Socorro Rodrigues. **Contação de histórias no ensino-aprendizagem de ciências na perspectiva da inclusão.** Orientador: Profa. Dra. Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues. 2019. 169 f. eurtação (Mestrado Profissional em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: . Acesso em: 16/03/2021

Fazenda. I.C.A. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria.** São Paulo: Edições Loyola; 1999

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985

GELL, Ana Júlia Franco; RODRIGUES, Isabel Cristina França dos Santos. **O LÚDICO E A LIBRAS: AS POTENCIALIDADES DA MEDIAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR.** In: Anais do Encontro Paraense de Licenciaturas - EPALIC. Anais...Bragança (PA) UFPA, 2020. Disponível em: <[https://www.event3.com.br/anais/epal_c2020/237644-O-LÚDICO-E A-LIBRAS--AS-POTENCIALIDADES-DA-MEDIAÇÃO-NO-AMBIENTE-ESCOLAR](https://www.event3.com.br/anais/epal_c2020/237644-O-LÚDICO-E-A-LIBRAS--AS-POTENCIALIDADES-DA-MEDIAÇÃO-NO-AMBIENTE-ESCOLAR)>. Acesso em: 29/05/2021 18:16

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura para crianças e jovens** / Lúcia Pimentel Góes - São Paulo: Paulinas, 2010. - (Coleção literatura & ensino)

Gomes, Adriana Leite Lima Verde. **A educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: o atendimento educacional especializado para alunos com deficiência intelectual**/Adriana Leite Lima Verde Gomes, Jean- Robert Poulin, Rita Vieira de Figueiredo. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará. v.2 (Coleção A educação Especial na Perspectiva da inclusão escolar)

INES. A ONÇA E O GATO – CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS (TV INES / LIBRAS). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9MsGGIProuo>>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

José Paulo Paes. Poemas para brincar. São Paulo: Ática, 1990

LARROSA, J. (2014). **Tremores: escritos sobre experiência** (C. Antunes & J. W. Geraldí, trads., 175 pp.). Belo Horizonte: Autêntica

POHLMANN, N.; M. Z. MORAES, C. **CONTRIBUIÇÕES DA NEUROPSICOPEDAGOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM E DA MEMÓRIA.** **REVISTA DE EDUCAÇÃO DOM ALBERTO**, v. 2, n. 1, 17 set. 2019.

Relvas, Marta Pires. **Neurociência na prática pedagógica**/ Marta Pires Relvas -Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SISTO, Celso. **Leitura e oralidade: Contar histórias – da oficina à sinfonia**. 1992

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**/ Ana Luiza Bustamante Smolka- 10. Ed. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001 (Coleção passando a limpo

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos** / Magda Soares- 1. Ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: contexto, 2018.

STREIECHEN, Eliziane Manosso. **Libras: aprender está em suas mãos**. 2. ed. / Eliziane Manosso Streienchen - Curitiba: CRV, 2017. 148 p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2007.